

A história dos desportos - Sua contribuição para a aproximação dos povos

De ADOLPHO SCHERMANN

Dizem os historiadores que a prática desportiva já era conhecida 4.000 anos A.C. Melhor diríamos que os desportos têm a sua origem com o próprio aparecimento do homem na terra. Para alimentar-se teve êle que recorrer à caça e à pesca e, com êsse objetivo, teve que correr, nadar, remar, e atirar.

Não houve leis, guerras, epidemias, intempéries, credos políticos, religiosos, ou raciais, que impedissem a sua propagação avassaladora por tôdas as regiões do Universo.

Intimamente ligado à educação física, o desporto foi originariamente encarado como fator preponderante no preparo do homem para a defesa do solo pátrio.

Com o tempo surgiram as disputas entre os povos e, em consequência, o preparo para a guerra — elemento decisivo no incremento das lutas, das corridas a cavalo, das provas atléticas, dos exercícios com armas...

Vamos encontrar a origem dos desportos sob forma coletiva, no costume do guerreiro vencedor apoderar-se dos botins de guefra. Tal instinto belicoso pela posse da cabeça do vencido foi arrefecendo e o trofeu da conquista foi sendo substituído por outros objetos com formas semelhantes e várias, numa contribuição, enfim, para a apresentação dos primeiros jogos com bola.

Essa difusão ganhou terreno com a inclusão do jogo de bola no ritual religioso. Diziam os cultores do paganismo que servia para afastar os maus espiritos...

Estudos feitos entre os índios que habitaram as terras norte-americanas revelam que, entre as ruínas de antigas cidades, foram encontrados documentos históricos e praças de jogos, indicativos já de um adiantamento nos regulamentos e na organização dos desportos. Os Mayas realizavam famosos torneios de pelota muito parecidos com o atual basquetebol. Constava o jogo de um campo entre duas paredes nas quais havia verticalmente colocada uma argola de pedra pela qual tinha que passar a bola.

Uma espécie de hóquei era realizado pelos peles-vermelhas e os araucanos tinham no "hinão" algo como o "rugby", em que a bola era conduzida ora com os pés, ora com as mãos.

Como parte do adestramento militar, o "tsu-chu" é assinalado na China no ano de 206 A.C. O seu desenvolvimento extraordinário obrigou a uma regulamentação num livro publicado pela dinastia Han. Nos festejos de aniversário do Imperador era o ponto alto das comemorações, ca-

bendo aos vencedores valiosos prêmios em sedas, flôres e frutas e, no reverso, a "torcida" ridicularizava com pilherias o capitão dos vencidos...

No Egito temos o berço da luta. Os seus monumentos históricos reproduzem gravações de lutadores, o que levou seus representantes desportivos a solicitar ao Congresso Olímpico fôsse modificada a expressão "luta Olímpica" para "luta faraônica".

Na Grécia Antiga os desportos tiveram grandes animadores em Alexandre, o Grande, Sóphocles, Homero e Timócrates da Lacedemonia. Um dos livros mais antigos sobre os jogos com a bola é da autoria dos dois últimos.

Os gregos eram mais apologistas da cultura física individual, ministrada desde a infância até a adolescência, o que proporcionou um extraordinário desenvolvimento ao atletismo, base primordial dos Jogos Olímpicos que ali nasceram.

Entre os jogos, o "feninda", o "Harpastum" (semelhantes ao rugby) o "epycistos" e "epiceno" tiveram grande impulso.

A "esferística" era a denominação usual dos jogos com a bola praticados pelos adolescentes.

Com a invasão do seu território pelos romanos, êstes transportaram para a Itália a maioria dos jogos, modificando-os e dando-lhes melhores regulamentos. O "calcu" florentino foi o "harpastum" grego.

O campo de Marte era o local dos encontros onde se jogava a "urânia" (gênero de basquetebol), o "ludre espusin" (tipo de vólibol), o "ludero dadatin" (basquetebol sem cestas ou um primitivo "rugby") e a "esferomaquia".

Com o seu desenvolvimento surgem na Termas os "esferitéricos" que eram os locais apropriados para sua prática.

A bola variava de tamanho e forma. Havia grandes, cheias de ar, chamadas "Follis", que tinham o tamanho de uma cabeça humana e as menores que eram cheias de lã ou de penas. A "savate" era uma bola de couro, chela de feno ou musgo e até madeira.

O "harpastum" foi o jogo mais popular e era uma espécie de "Rugby".

Com a decadência do Império Romano declinou a prática dos jogos, cuja disseminação era sempre feita pelos romanos nos territórios que conquistavam.

Na Idade Média, encontramos na Normândia o "soule", uma bola assaz

grande, que não podia ser mantida em uma só mão, mas disputada em forma guerreira, o que demonstrava, claramente, o declínio, então, do desporto. O "barreto" e o "chollage" estavam em voga na França.

Nos tempos dos Médicis, na praça Santa Cruz, em Florença, ganhava fama o jogo do "cálcio" (semelhante ao atual futebol). Era praticado com os pés e as mãos, com uma bola cheia de ar e coberta com uma capa de couro. As equipes de 27 jogadores eram constituídas de 15 corredores, 5 sacadores, 4 dianteiros e 3 zagueiros.

Há controvérsias quanto ao fato de que o "harpastum" tenha sido levado pelos romanos para a Inglaterra e, assim, dado origem ao futebol. Verdade é que no condado de Derby, durante vários séculos, comemorava-se a derrota dos romanos do século III, com um jogo de bola, que era na realidade uma batalha em que valiam a luta e a agressão armada para a conquista da vitória.

A sua popularidade era tamanha que colocou os Tudors e os Stuarts como seus adversários, pois êstes viam os seus soldados descuidarem-se dos exercícios de arco e flecha para o praticarem. Tal situação mais se agravou com a campanha feita pelos puritanos, inimigos que eram dos exercícios físicos e dos jogos, cujas disputas violentas geravam conflitos entre as populações locais e vizinhas, resultando a proibição feita pelo Rei Eduardo II, em 1314, da prática dos jogos. Eduardo III, 35 anos mais tarde, ordenou maior fiscalização da proibição que vinha sendo burlada. A popularidade do jogo aumentava apesar de tudo isso e em 1389, Carlos II decretou seu banimento da Inglaterra, considerando-o crime, e criminoso aquele que fôsse surpreendido jogando. A primeira vítima foi Denis Woogan, organizador de partidas, condenado a 6 anos de prisão.

Em 1410, Henrique IV manteve essa proibição e somente no século XVI é que se inicia a sua regulamentação com o nome de "Hurling over Country". Era praticado num campo situado entre duas cidades, por equipes formadas de seus habitantes, em número limitado. Vencedora era aquela que conseguisse levar a bola até à praça da cidade vizinha.

No século XVII melhoraram o exercício e as regras, encaminhando-se mais as disputas para o caráter desportivo. Passou a denominar-se "Hurling over goals", substituindo o campo aberto por um de 100 metros de extensão por 30 de largura, passando o objetivo a ser postes de 4 metros de altura sem travessão e o número de jogadores limitado a 30 ou 50.

A bola era redonda, de bexiga de boi ou porco, coberta de couro. A violência, contudo, ainda perdurava, e novamente voltaram as proibições reais e, em consequência, a clandestinidade. Em 1300 o Conselho dos Anciãos, de Pisa, proibia, sob ameaça de multa, o jogo de bola no Duomo e no Camposanto, e no ano de 1310, foi proibido aos clérigos o "Ludo globarum". Em 1316, Luiz X joga "à la paume", nos bosques de Vincennes. Em 1397 o Prefeito de Paris proíbe o jogo durante a semana.

Santo Antônio, arcebispo de Florença, nos primeiros anos do século XV, na sua juventude, jogou a "palla grossa" ou seja o futebol.

A Idade Média foi o tempo dos grandes Torneios. O francês Geoffroy de Preully, apontado como seu inventor, escreveu as regras universalmente adotadas a partir do século XIII. Essas competições, por demais sangrentas, eram consideradas como pequenas guerras ou miniaturas de luta.

Dois bandos, em geral com armas, protegidos com armaduras, e coletes de malha, com cavalgaduras, lutavam desde o amanhecer até o anoitecer, montados, de pé, descarregando terríveis golpes com as espadas, lanças ou com as maças. No final, o espetáculo era chocante: mortos, feridos, vencedores, vencidos e os prisioneiros. E diga-se, não havia o propósito de matar ou ferir, tanto que depois se reuniam todos num banquete seguido de baile. Os vencedores tinham o direito de ficar com os cavalos dos vencidos ou receber o seu resgate em dinheiro, além de uma jóia ou broche das mãos da dama do castelo próximo, simbolizando a vitória. Assim se passou na primeira fase daquela época.

Na segunda, os Torneios tornaram-se mais corteses. Havia juizes severos e a proibição de certos golpes. As armas não tinham mais gume nem ponta. Era necessário, então, uma boa escola de equitação e conhecer a esgrima para vencer.

Finalmente, na terceira fase, voltando as competições a degenerar em verdadeiras batalhas, surgiram as proibições dos Papas e Soberanos.

As Justas diferenciavam-se dos Torneios por serem mais uma competição individual entre 2 cavaleiros com a finalidade de derrubarem-se dos cavalos. Essa competição, também, sofreu inúmeras proibições devido a ser jogo cruel e, às vezes, mortal. Com o tempo, porém, melhorou a sua prática, inclusive com a modificação de determinar o vencedor aquele que quebrasse a lança do outro contra a armadura ou escudo.

A equitação teve o seu apogeu na Idade Média, quando em diversos países surgiram as chamadas Escolas, que deram um impulso extraordinário à arte de montar.

Desenvolve-se paralelamente a esgrima, com seus maiores centros na Espanha e na Itália, estendendo-se depois à França e aos demais países. Foi a época dos famosos duelos do romantismo.

Finalmente, em 1828, Thomas Arnold, nomeado diretor do Colégio de Rugby, na Inglaterra, aplicando as teorias de Rousseau e Iock, organizou seu método de educação física e transformou o "Hurling over goals"

no "Football rugby". Apesar de menos violento, o novo jogo não teve integral aceitação dos demais colégios britânicos e assim os de Westminster, Eton, Hawre, e Charterhouse, alteraram as regras, proibindo o uso das mãos, do que resultou o aparecimento do "Dribbling Game" e mais tarde o "Football Association".

Evoluiu extraordinariamente a concepção do desporto. No plano educativo de muitas nações é hoje obrigatoriamente incluído nas fases colégio e acadêmica e mesmo posteriormente. Os programas elaborados por esses governos estendem-se ao terreno científico. A assistência médica, os laboratórios, as equipes técnicas e de cientistas são complementos desses objetivos.

No campo da aproximação dos povos, como tem sido proveitosa a prática dos desportos! Um balanço dos resultados das competições internacionais, em que, não raro, paixões humanas se inflamam, confundindo a finalidade dos espetáculos, apresentará incalculável saldo a favor dos benéficos frutos produzidos.

O desporto tem dado exemplos inconfundíveis ao mundo de que a esperança de paz ainda não estará perdida enquanto os homens tiverem franqueza de atitudes, agirem honesta e desinteressadamente, como o fazem os verdadeiros desportistas num campo de luta.

Ai está o exemplo recente dos jogos Olímpicos de Helsinki e de Melbourne em que, lado a lado, em Congressos, nos campos atléticos, piscinas e pistas, se irmanavam pretos, brancos, amarelos, protestantes, budistas, judeus, metodistas, comunistas e democratas, numa festa de confraternização dos músculos e do espírito.

Essa é a finalidade do desporto!

As maiores conferências políticas do mundo, as mais prestigiosas instituições universais, famosos embaixadores, não conseguiram, em anos um resultado tão positivo na aproximação dos povos como essa juventude que se reúne de quatro em quatro anos para perpetuar o sonho do grande pacifista o saudoso Pierre de Coubertin.

As influências do desporto na educação, no caráter, no domínio da vontade são outros benefícios proporcionados à humanidade.

Citemos como beleza de atitude, a recente ocorrência numa competição no estádio Heipel, em Bruxelas, quando o campeão holandês Slyckens e o belga Gaston Reiff lutavam numa corrida de 3.000 metros, emparelhados até os 50 metros finais. De repente, extenuado, tomba o campeão olímpico. Slyckens, então, estanca, volta, ajuda o seu rival a levantar-se e juntos, de mãos dadas, atravessam a meta sob o delírio da multidão.

Lembremos o caso de dois desportistas, campeões da Coréia do Norte e da Coréia do Sul, que se reconheceram num corpo a corpo, numa batalha de esterminio e que, abandonando as armas, se confraternizaram.

Els por que milhões de homens aplaudem os seus semelhantes nas praças públicas, estimulando-os, e contribuindo, assim, para que as gerações de amanhã sigam esse exemplo dignificante dos que aprimoram o corpo e o espírito.